



Noêmia (Iaiázinha), 95, e Albertina (Nenê), 99: a longevidade lúcida e amável.

**As
centenárias
irmãs
Bierrenbach:**

TRÊS ESTRÊLAS DO PATRICIADO AGRÍCOLA PAULISTA

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)

Somadas as idades das três irmãs, perfazem quase três séculos. Elas são: dona Albertina Bierrenbach de Castro Prado, 99 anos, dona Vicentina Bierrenbach Siqueira, 97 anos, e dona Noêmia Bierrenbach, a caçula, de 95 anos. Vivem em São Paulo e, apesar da longevidade alcançada, têm excelente memória, acompanhando com serenidade a evolução dos tempos e dos costumes.

Filhas de ilustre família campineira, vincularam-se pelo casamento a tradicionais troncos do patriciado agrícola paulista, passando grande parte de suas vidas em pacata atividade da fazenda. O bucolismo rural não foi, porém, o responsável pela longevidade das irmãs Bierrenbach, pois dona Iaiázinha até há pouco andava num valvém constante, entre Campinas, São Paulo, Curitiba e outras cidades. Mas quase sempre em atividade urbana.

Nos seus quase cem anos, dona Nenê (Albertina) fala de seus pais, João Antônio Bierrenbach e dona Maria Clementina Bueno Bierrenbach. Esclareça-se que os irmãos Bierrenbach, estabelecidos em Campinas, com fábrica de chapéus, desde 1857, eram filhos do prussiano tenente-coronel João Bierrenbach, que viera em 1829 para o Brasil no séquito da Imperatriz d. Amélia, segunda mulher de d. Pedro I. João Antônio Bierrenbach tinha em Campinas uma bela chácara, Santa Cruz, ajardinada pelo paisagista alemão Antônio Etel, tão conhecido depois em São Paulo. Bierrenbach & Irmão foram premiados, por seus produtos, na Exposição de Filadélfia, de 1876. Podem ser considerados os patriarcas da indústria paulista, porque importaram a primeira caldeira Clayton que, em carro de bois, subiu a serra para mover não somente as máquinas de sua fábrica de chapéus como a metalurgia que lhe ficava ao lado. O imperador d. Pedro II visitou-os nas viagens que fez a Campinas.

— Papai, conta dona Nenê, era negociante, tinha fábrica de ferro e de chapéus. Brasileiro com nome alemão. Era monarquista, mas monarquista ferrenho. Quando foi proclamada a República, retirou-se para uma fazenda, por muitos anos. Se negava a votar nas eleições. Pagava a multa mas não votava. Morreu monarquista como o genro, meu marido, o bacharel Antônio de Castro Prado, nomeado promotor público de Campinas na última fase do reinado de d. Pedro II. Minha mãe, filha de magistrado e descendente de Amador Bueno, O Aclamado, compartilhava inteiramente o pendor político dos homens da família. Eu me casei cedo e passei a primeira parte da minha vida na Fazenda Espírito Santo, em Valinhos. Lá criei meus filhos, três homens e duas mulheres, com a ajuda de uma governanta alemã. Ela foi, talvez, uma das melhores e mais dedicadas amigas. Os filhos foram, pela ordem da idade, João, Cid e Plínio e as filhas Zuleika e Lília.



Vicentina (Sinhazinha), 97 anos.

Enquanto sua irmã recorda a história dos pais, e um pouco da sua própria vida, a mais moça, dona Iaiázinha (Noêmia, 95 anos) lembra a história de seu irmão César, o admirável César Bierrenbach.

— Foi o maior orador da América do Sul em sua época. A razão principal de sua vida era conseguir a União Sul-Americana. Foi ele o criador do termo "pan-americanismo", no encerramento do Congresso Latino-Americano de 1904, no seu discurso memorável, concitando as nações da América Latina a se congregarem, aplaudido por muitas personalidades famosas. Rio Branco, seu admirador e amigo, quis levá-lo para a carreira diplomática, mas o César recusou para não perder sua liberdade. Foi amigo de Eduardo Prado, de Euclides da Cunha e outros intelectuais do seu tempo. O *Protesto Latino*, que publicou logo após a agitação motivada pela intervenção em Cuba, despertou uma das maiores polêmicas a que já assistiu o país.

Enquanto dona Iaiázinha se dedicava aos estudos de Farmácia (especialmente no ramo dos olhos), dona Vicentina, a Sinhazinha, tratou de aprofundar seus estudos artísticos. Foi conhecida pintora de sua época e também musicista. Assim como as irmãs, declara-se plenamente satisfeita com sua longa existência e com as pessoas com quem conviveu. Foi ativa com

panheira do marido até sua morte, na fazenda em Bragança, tradicional propriedade dos Rodrigues de Siqueira, onde o auxiliava a gerir os negócios e preservar cuidadosamente a flora e a fauna da região. Na residência urbana da Rua Brigadeiro Nébias, onde se concentrava a aristocracia paulista da *belle époque*, comandava as reuniões de família, dos parentes e dos amigos.

Tanto ela como Iaiázinha dedicaram grande parte de suas vidas à mãe que, ainda moça, foi perdendo a vista, ficando totalmente cega. Essa a razão pela qual a caçula tanto se entregou a pesquisas oftalmológicas. Sinhazinha só se casou depois da morte da mãe, com o sr. Artur Siqueira, viúvo, pai de vários filhos, para os quais foi ela uma segunda mãe.

Endossa as palavras de sua irmã de quase cem anos, dona Nenê: — Eu e meu marido sempre fomos amigos acima de tudo!

As três irmãs Bierrenbach constituem um modelo de verde velhice, em que se revêem as melhores tradições da sociedade brasileira. Raramente se conservam por tantos anos, com o pleno viço do espírito, testemunhas tão unidas e tão brilhantes do passado, para nós, remoto e vago; esse passado que é sentimentalmente o presente das venerandas irmãs Bierrenbach.

Outrora dizia-se: as três graças. Quando três mulheres formosas se reuniam... Que diremos de três irmãs que souberam envelhecer maravilhosamente, isto é, resistindo à idade; ou continuando a ela indiferentes, pelo milagre da inteligência sempre lúcida e amável?